

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO – UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ALICE LIRA DE OLIVEIRA
EMMANUELA TAMIRES DE SOUZA SILVA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TRANS À LUZ DOS
PRESSUPOSTOS DA GESTALT-TERAPIA**

RECIFE
2021

ALICE LIRA DE OLIVEIRA
EMMANUELA TAMIREZ DE SOUZA SILVA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TRANS À LUZ DOS
PRESSUPOSTOS DA GESTALT-TERAPIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC II do Curso de Psicologia do Centro
Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos
requisitos para conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Espec. Catarina Burle Viana.

RECIFE
2021

O48p

Oliveira, Alice Lira de

O processo de construção da identidade trans à luz dos pressupostos da gestalt-terapia. / Alice Lira de Oliveira; Emmanuela Tamires de Souza Silva. - Recife: O Autor, 2021.

35 p.

Orientador(a): Catarina Burle Viana.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2021.

1. Identidade Transexual. 2. Corpo. 3. Gestalt-terapia. I. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. II. Título.

CDU: 159.9

Dedicamos esse trabalho a Deus por ter nos dado força e sabedoria para passarmos por todas as dificuldades e às nossas famílias por todo carinho e apoio ao longo dessa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço incondicionalmente à minha família. A princípio à minha mãe Andréa, minha irmã Carla e minha avó Jacira, por serem peça chave no acolhimento, incentivo e força de iniciar essa trajetória e mais ainda de permanecer até o fim. Sem vocês, o caminho teria sido mais difícil, vocês foram e são luz. Agradeço também a Kleiber, que chegou tão de repente, mas foi a pessoa que me fez sorrir em meio aos choros e estresses no desenvolver desse trabalho e agradeço em especial ao meu avô, Arnobio, por ter sido a porta de entrada na construção do meu sonho e dentre tantos caminhos possíveis de serem trilhados, ter alguém que investiu e acreditou na minha capacidade e desejo de vivenciar esta graduação foi essencial. Entendo a graduação como um processo que me trouxe pessoas e momentos ao qual pude viver, conviver, aprender e crescer. Mas ciclos em nossas vidas, as vezes têm início, meio e fim e por vezes, encerrei ciclos que hoje, permanecem dentro de mim, por um reflexo de gratidão ao que foram e fizeram em meu processo. Aos que permaneceram, me sinto honrosa em dizer por escrito e com amor, que agradeço por tudo e por tanto. Gratidão à Emmanuela Tamires, por ser a dupla que abraçou minhas ideias, foi paciente com meus estresses, não saiu em momento algum do meu lado e por se tornar essa pessoa tão essencial para mim. Agradeço à Eduarda Colaço, por sua luz, pelos mimos e risadas nos dias ruins, por sua amizade que perpassou a vida acadêmica e por me ensinar tanto, como profissional e pessoa. Por fim, agradeço também à Raffaella Buonora, pelos abraços sufocantes, os bons dias marcantes, por toda preocupação e admiração. Mas a vida não começa no curso de psicologia e até chegar aqui, tive encorajamento, incentivo, ombro amigo da melhor amiga que a vida pôde me dar, gratidão à Samantha Raquel. Por fim, agradeço a Enzo Emiliano, porque muito mais que amigo, que fez parte de maneira incessante na construção desse trabalho, é à figura de representatividade mais próxima de pessoa trans presente a mim, onde sua vivência e lugar de fala me permitiu caminhar nas linhas desse trabalho de maneira respeitosa e coerente, somando ricamente nas explicações de termos e conceitos e indicações de autores fundamentais do contexto abordado.

Eu agradeço em especial aos meus pais, Yara e Emanuel, a minha irmã Ellen e ao meu irmão Ewerton, que sempre estiveram comigo nos melhores e piores momentos da minha vida, por todo incentivo que foi dado. Poder olhar todo o percurso que passei e ter vocês comigo foi essencial. Aproveito também a oportunidade para agradecer por toda dedicação de amor. Agradeço também, ao meu namorado Willy, pelo companheirismo e força, pela compreensão nos momentos de ausência. Agradeço as minhas primas Valentina e Ana, por todo carinho, por serem tão especiais, por me trazerem alegria nos meus momentos de tristeza. Não posso deixar de agradecer à minha amiga Alice Lira, onde à conheci durante o percurso da graduação. Alice sempre esteve comigo nos melhores e piores momentos, sempre foi uma grande amiga, me encorajou, me fortaleceu, foi e é essencial na minha vida, você é luz. Foi um caminho difícil, mas chegamos juntas até aqui. Obrigada por tudo, minha amiga. Agradeço também à Eduarda Colaço, que iniciamos juntas essa graduação, nos afastamos durante a caminhada, mas nos reencontramos e foi tão significativa para mim. Obrigada por tudo, por ser calma, por toda à luz, por sempre dar apoio. Muito obrigada por tudo que você fez e faz por mim. Obrigada a todos que de alguma forma foram essenciais para que eu conquistasse este objetivo, e por mais que não mencionados eu deixo aqui a minha gratidão por cada um.

Agradecemos a Deus, por nos conceder sabedoria, saúde e determinação no caminhar dessa trajetória. Pela vida, pela oportunidade e por acalmar nossos corações nos momentos difíceis. Agradecemos também à nossa primeira orientadora Jullyane Brasilino, pela ajuda, paciência, motivação e ensinamentos, parte deste trabalho também tem sua dedicação. Foi motivador e instigante, sermos atenciosamente lembradas em artigos e outros materiais aos quais pareciam úteis à sua vista e mandado para nós. Agradecemos aos nossos amigos, pela cumplicidade, paciência, auxílio e incentivo, nos momentos de choros, estresses e desânimo. Assim como somos gratas por vibrarem e celebrarem nossas conquistas, cada degrau que subimos e acreditarem que seríamos capazes de chegar até aqui. Agradecemos também à nossa segunda orientadora Catarina Burle, que chegou de um jeito tão simples e cativante, e nos acolheu de uma maneira que trouxe alívio para as tensões da produção do trabalho e a certeza de que estávamos no caminho certo, através dos elogios e reconhecimentos a cada correção e orientação. Sentimos que chegar até aqui, foi grandemente possível em partes, devido à sua dedicação a nós, em um papel realizado de maneira tão leve e ao mesmo tempo tão rica de ensinamentos.

E por falar em leveza, lembrar que passaram por nossas jornadas, professores e professoras tão cheios de luz e empatia, capazes de despertar em nós amor além da matéria, amor na troca, na vivência, no ato de esquecer por alguns minutos a hierarquia entre professor e aluno, sendo apenas seres humanos partilhando conhecimentos. A psicologia é exatamente isso, a troca genuína, e felizes somos nós, por termos tido o privilégio de cruzar caminhos com estes. Gratidão!

*Devemos não somente nos defender, mas
também nos afirmar, e nos afirmar não
somente enquanto identidades, mas
enquanto força criativa.*
Michel Foucault.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Características pertencentes a transexualidade e suas ramificações	12
2.1.1 A história da transexualidade.....	12
2.1.2 Diferença entre gênero, transexualidade e travestilidade.....	14
2.2 Nuances em torno da construção da identidade	15
2.2.1 O que é identidade?	15
2.2.2 Construção da identidade	17
2.3 O corpo enquanto arena de significados	18
2.3.1 Ambiguidade e ambivalência do corpo.....	18
2.3.2 Reconhecimento, aceitação e rejeição.....	19
2.4 Dialogo entre a Gestalt- terapia e o processo de construção da identidade trans	20
2.4.1 História e Conceitos da Gestalt-terapia.....	21
2.4.2 Um recorte de compreensão da Gestalt- terapia acerca do fenômeno da transexualidade.....	22
3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO	24
4 RESULTADOS	25
5 DISCUSSÃO	28
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	34

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TRANS À LUZ DOS PRESSUPOSTOS DA GESTALT- TERAPIA

Alice Lira de Oliveira

Emmanuela Tamires de Souza Silva

Catarina Burle Viana ¹

Resumo: O presente artigo trata-se de uma pesquisa que tem por objetivo entender como os pressupostos da Gestalt-Terapia auxiliam na compreensão das peculiaridades em torno da construção da identidade trans. Partindo da compreensão do que é identidade, que de acordo com Ciampa (1987) é um processo de metamorfose, ou seja, uma constante transformação, sendo resultado do cruzamento da história, do contexto social, histórico e projetos do indivíduo. Deste modo, discorre sobre o corpo juntamente ao processo de reconhecimento e aceitação, além de mostrar as contribuições da Gestalt-terapia em seus conceitos de Autorregulação, Awareness e Self, entrelaçando a construção da identidade da pessoa trans. Este estudo, tem caráter qualitativo e descritivo e fora realizado a partir de um estudo bibliográfico. Por conseguinte, a pesquisa apresenta resultados que elucidam a transexualidade juntamente ao caminhar no processo terapêutico gestáltico. E se discute nas rupturas entre como o sujeito trans se vê, se sente e se integra interna e socialmente, apresentando a gestalt-terapia por um manejo de validação e legitimação do existir trans e as entrelinhas do processo do transicionar. Por fim, deixa-se registrado a importância da terapia e a atenção com a mente, corpo e ambiente, por pressupor que um sujeito integrado tenha estrutura para estar saudável consigo e com o meio.

Palavras- chave: Identidade Transexual. Corpo. Gestalt-terapia.

¹ Professor(a) Catarina Burle Viana, docente da Instituição UNIBRA. Graduada em Psicologia, Especialista em intervenções clínicas na abordagem Psicanalítica, Mestranda em Psicologia Cognitiva. E-mail para contato: catarina.viana@grupounibra.com

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

Abstract: Abstract: The present article is about a research that aims to understand how the Gestalt Therapy assumptions help in understanding the peculiarities around the construction of trans identity. Starting from the understanding of what is identity, which according to Ciampa (1987) is a process of metamorphosis, that is, a constant transformation, being the result of the crossing of history, social context, history and projects of the individual. Thus, it discusses the body along with the process of recognition and acceptance, besides showing the contributions of Gestalt-therapy in its concepts of Self-regulation, Awareness and Self, intertwining the construction of the identity of the trans person. This study has a qualitative and descriptive character and was carried out from a bibliographic study. Therefore, the research presents results that elucidate the transsexuality along with the gestalt therapeutic process. It discusses the ruptures between how the trans subject sees himself/herself, feels, and integrates internally and socially, presenting Gestalt-therapy as a management of validation and legitimation of the trans existence and the between the lines of the process of transitioning. Finally, the importance of therapy, of this attention to the mind, body, and environment is registered, for it is assumed that an integrated subject has the structure to be healthy with himself and with the environment.

Keywords: Identity Trans. body. Gestalt-therapy

1 INTRODUÇÃO

Para Bento (2008) o existir enquanto pessoa trans² não se enquadra nas ciências da psicologia, psicanálise e a medicina em uma caracterização de “doença mental”. Reduzir a pessoa trans a um ser doente é aprisioná-la e fixá-la na anormalidade, tendo em vista um padrão compulsório da heteronormatividade. A transexualidade é compreendida como um desencontro na identidade entre sexo biológico e o sexo psicológico (BENTO, 2008). É uma das múltiplas expressões identitárias que apareceram como resposta para um sistema que estabelece a vida social organizada na construção de indivíduos “normais e anormais”, que definem suas identidades, através das estruturas corporais (BENTO, 2008). Diante disso, a presente pesquisa fora pensada a partir do seguinte questionamento: Como os pressupostos da Gestalt- terapia podem contribuir nas discussões acerca da construção da identidade trans? Ressalta-se que o processo de construção de

² Utilizou-se o termo pessoa trans para contemplar exclusivamente os termos transexual e transgênero, sem fazer referência ao termo travesti, que terá o seu conceito definido separadamente.

identidade acontece de maneira singular e individual e a Gestalt- terapia em seus conceitos teóricos, traz contribuições na compreensão dessa construção.

Para Bento (2008), as especificidades da transexualidade se mostram na elucidação dos limites das normas de gênero, na incongruência entre o gênero estabelecido ao nascimento e o que o indivíduo se identifica. O que nos leva a ressaltar a sexualidade como um assunto crescente na sociedade e em suas ramificações, a transexualidade vem como um fenômeno complexo, que demanda cada vez mais a participação da psicologia frente ao envolvimento de gênero e sexo. A partir disso, justificamos a realização dessa pesquisa, a princípio por pensar que a psicologia em seu exercer, tem o papel de acolher e facilitar a abertura de espaços para o cuidado com o sofrimento psíquico e autoconhecimento, além de se apresentar como necessária no estudo por conhecimentos mais aprofundados e na demanda de acolhimento por técnicas, manejos psicoterápicos que sejam capazes de compreender e acolher questões sobre a transexualidade (FÉLIX, 2016).

Nesse contexto, o presente trabalho tem por objetivo geral entender como os pressupostos da Gestalt-Terapia auxiliam na compreensão das peculiaridades em torno da construção da identidade trans. Alinhando-se a isto, tem-se por objetivos específicos conhecer a construção histórica do que é a transexualidade, refletir acerca das nuances em torno do lugar do corpo enquanto arena de significados da pessoa transexual e discutir sobre os pressupostos da Gestalt-terapia na compreensão do fenômeno da construção da identidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Características pertencentes a transexualidade e suas ramificações

Esta pesquisa fora pautada na transexualidade, por uma compreensão importante dada pelas autoras Berenice Bento e Jaqueline Jesus, que abordam a presente questão, em uma perspectiva do transfeminismo.

2.1.1 A história da transexualidade

A ciência dá início a construção específica sobre pessoas trans a partir do século XX e por muito tempo estes saberes eram restritos aos saberes médicos, aliados ao pensamento patológico. Ainda no século XIX, não existia distinção entre

identidade de gênero e sexualidade, e todos os sujeitos que apresentavam questões relacionadas a esta temática reduzidos a homossexualidade (CANNONE, 2019). Por serem associados a loucura e delinquência, eram levados ao tratamento de encarceramento, momento este em que incisivamente excluídos da vivência e participação do próprio corpo (CANNONE, 2019).

O termo transexual, criado sessenta anos à frente do termo cisgênero, começa a ser utilizado nos anos de 1920. Para Jesus (2012), ao tentar se compreender o que é ser uma pessoa trans, é importante entender que o termo gênero enquadra todos os seres humanos, seja transgênero ou cisgênero. Nomeia-se cisgênero ou “cis”, pessoas que se compreendem com o gênero atribuído ao nascimento (JESUS, 2012).

Por muito tempo, a transexualidade era vista como uma doença. Por essa perspectiva, Harry Benjamin, médico britânico começa a conceituar a transexualidade enquanto transexualismo, no ano de 1953 numa perspectiva patológica (CANNONE, 2019). O TIG (Transtorno de Identidade de Gênero) ou transexualismo, é caracterizado por um incomodo e insatisfação ao próprio sexo e uma identificação ao gênero oposto, onde há a convivência com a sensação de inadequação ao papel social designado a este sexo (VAL, et al., 2010). Refere-se a uma existência atravessada por sofrimento psíquico, que em uma perspectiva clínica, é interpretada como significativa e prejudicial na inserção social e nas demais áreas da vida do indivíduo (CANNONE, 2019). Nesse sentido:

a ciência sempre assumiu uma tendência de compor transexuais e travestis como objetos de pesquisa, definindo suas existências por eles e elas. Geralmente no lugar de pessoas cisgêneras, que nunca precisaram se afirmar enquanto cis, têm sua existência assegurada e legitimidade para teorizar acerca das demais; na contramão, os corpos que carregam o rótulo de trans costumam ser postos à dúvida a todo o tempo (CANNONE, 2019, p. 16).

Com isso, falar da cisgeneridade é também falar de uma estratégia política de poder de um lugar que tudo define, exceto a si mesmo. “Não existe um material de exames ou testes que validem o diagnóstico de transtorno de identidade de gênero (TIG), sendo o único referencial a convenção de papéis masculinos ou femininos” (CANNONE, 2019, p. 16).

As identidades trans, percorrem um caminho de despatologização árduo, que recebe o apoio e contribuição de diversas áreas profissionais e grupos sociais. No cenário atual, já existem conquistas consideravelmente grandes, como a retirada da

seção de transtornos mentais do CID-11, sendo agora condições relativas à saúde sexual (CANNONE, 2019).

2.1.2 Diferença entre gênero, transexualidade e travestilidade.

De acordo com Jesus (2012), o sexo é biológico e o gênero é social, e estes são construídos pelas diferentes culturas. O gênero transcende o sexo, na definição do que é ser homem ou mulher, não importando os cromossomos ou a genitália e sim, a autopercepção e a maneira a qual o indivíduo expressa-se socialmente (JESUS, 2012). O mesmo autor aponta que:

[...] entende-se que a vivência de um gênero (social, cultural) discordante com o que se esperaria de alguém de um determinado sexo (biológico) é uma questão de identidade, e não um transtorno. Esse é o caso das pessoas conhecidas como travestis, e das transexuais, que são tratadas, coletivamente, como parte do grupo que alguns chamam de “transgênero”, ou mais popularmente, trans (JESUS, 2012 p. 9).

A transexualidade refere-se a identidade, não a doença mental e nem tampouco a uma escolha (JESUS, 2012). É a forma a qual a pessoa lida com o gênero em que se identifica, pelo desacordo do sexo biológico e o sexo psicológico. Os transexuais experienciam o sentimento de que seu corpo não é adequado e pertencente a maneira em que pensam e se sentem, convivendo com a vontade e necessidade de “corrigir” o corpo, adequando ao estado psíquico. Para as pessoas transexuais, integrar corpo, aceitação social, profissão e o nome ao qual se identifica é imprescindível (JESUS, 2010). Desta forma, é significativa e essencial a escrita e a fala de acordo com os termos de reconhecimento dos sujeitos representados, todo aquele que faz a mudança para o gênero feminino é uma mulher transexual e os que fazem para o gênero masculino são chamados de homem transexual (JESUS, 2010).

No que se refere a travestilidade, a palavra travesti, é um termo antigo e anterior ao termo transexual e é consolidado na linguagem brasileira em um contexto quase sempre pejorativo, como um sinônimo de “imitação” ou “fingir ser quem não é”. É entendida por uma perspectiva em que os sujeitos vivenciam papéis de gênero feminino, mas que não se reconhecem enquanto mulher ou homem e se integram em um terceiro gênero ou não-gênero (JESUS, 2012). Esse termo está presente na mídia desde a década de 1940, representando a época pelos homens que se vestiam de mulheres no carnaval, pessoas que se denominavam homossexuais e que tinham

performances femininas, trabalhando em bares, teatros e boates (Green, 2000, apud Oliveira, 2019).

Na contemporaneidade, os termos “trans” e “travesti” são separados com base em uma dicotomia socioeconômica (OLIVEIRA, 2019). O termo travesti é utilizado por uma releitura e ressignificação, com o intuito de revolucionar o lugar ao qual foi submetido às margens da sociedade. A figura da travesti é vista pelo imaginário do social, como um ser estigmatizado, que carrega estereótipos e signos, que para as travestis, viola a sua imagem e existência. O termo então foi ressignificado e passou a ser reconhecido como sinônimo de luta, fazendo referência ao meio social mais distante das classes altas.

Este difere da imagem social da mulher trans, que é vista por uma compreensão de pessoa que busca a transição, numa tentativa de encontrar coerência e adequação ao gênero biológico, psicológico e social e, desta forma, o termo “mulher trans” é utilizado por muitas pessoas de forma higienizada e elitista (OLIVEIRA, 2019). No todo, ambos termos, relacionam-se a aquela pessoa que foi definida como homem no nascimento, porém não se sente pertencente desse lugar e encontram-se na transgressão (OLIVEIRA, 2019). Ressaltando que o termo “trans”, também se refere a pessoa que foi nomeada mulher ao nascimento, mas se compreende como homem.

De acordo com Lanz (2014), a não correspondência com a norma do gênero, encontra-se na base do fenômeno transgênero e é a única que define a existência do transgênero. Esse não se refere apenas a uma identidade gênero-divergente, mas sim, a uma condição sociopolítica de desarmonia, discordância e/ou desencontro com o contexto binário, existente nas identidades de gênero-divergentes. É utilizado para se referir a pessoas que não se reconhecem ou não são reconhecidas socialmente como homem ou mulher, devido a sua identidade de gênero, que não se reconhecem em ambas as categorias. É o fenômeno que contempla todas as pessoas que apresentam comportamentos e atividades que transgridam os princípios impostos pelo binarismo de gênero. A transgeneridade é um fenômeno amplo, capaz de se apresentar em diferentes manifestações (Green, 2000, apud Oliveira, 2019).

2.2 Nuances em torno da construção da identidade

2.2.1 O que é identidade?

Para Ciampa (1987), a identidade é pensada como um processo de metamorfose, ou seja, uma constante transformação, resultado do cruzamento da história, do contexto social, histórico e projetos do indivíduo. É trazida por uma narrativa de vida, entendida por um caráter dinâmico, movimento que presume uma personagem, que é para o autor, a vivência pessoal de um papel constituído pela cultura, essencial na construção identitária. Identidade é movimento, entretanto, quando projetada pelos ritos sociais, resulta em algo dado, que sustenta a mesmice. A atitude de superação dessa identidade pressuposta/ pré-definida, é nomeada de metamorfose (CIAMPA, 1987).

Identidade para Budar (1997 apud Faria; Souza, 2011) também é concebida por resultado do processo de socialização: onde compreende a intercepção dos processos relacionais, isto significa que o sujeito é analisado pelo outro no interior dos sistemas de ação aos quais os indivíduos estão inseridos. E biográficos: que se refere à história, projetos e habilidades do sujeito. Para o autor, a identidade para si não se dissocia da identidade para o outro, porque à primeira corresponde a segunda: se reconhecer através do olhar do outro. Dessa forma, o que está na essência do processo de constituição identitária, é a identificação ou não das atribuições que são do outro, uma vez que esse processo só é possível no âmbito da socialização (Budar, 1997 apud Faria; Souza, 2011).

Budar (1997, p. 104 apud FARIA; SOUZA, p. 37) afirma que a “identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re)construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável”. Ainda para o mesmo autor, o processo da constituição da identidade, ao que prefere se referir como formações identitárias, é entender que assumimos várias identidades diferentes, que se constituem por uma tensão permanente em meio aos atos de pertença, onde o sujeito se identifica com as atribuições recebidas e adota para si essas identidades atribuídas. E os atos de atribuição, que condizem ao que os outros dizem ao indivíduo que ele é e o que o autor designa como identidades virtuais. A atribuição representa a identidade para o outro, enquanto a pertença acomoda a identidade para si e o movimento de tensão se define precisamente pela discordância entre o que almejam que o indivíduo assuma e seja e o desejo do próprio indivíduo em ser e assumir determinadas identidades (Budar, 1997 apud Faria; Souza, 2011).

2.2.2 Construção da identidade

Para Ciampa (1987) a construção de identidade subjetiva, conserva uma íntima relação com a realidade que permeia as pessoas e o conhecimento de si que é predisposto pelo reconhecimento dos sujeitos pertencentes a grupos sociais, com seus valores, experiências e prioridades. Hall (2005, p.12 apud MOURA; PEIXOTO, 2007) afirma que é um processo de tornar-se fragmentado, é composto não por uma, mas por várias identidades, certas vezes contraditórias ou não-resolvidas.

O sujeito não nasce com uma identidade definida, mas o seu desenvolvimento corresponde ao seu processo de inserção à cultura e em suas relações que se formam a partir dele (MOURA; PEIXOTO, 2007). Ainda de acordo com Ciampa (1987), a construção da identidade não separa fatores biológicos, psicológicos e sociais, tornando-a então um fenômeno natural e não social. O processo de construção de identidade está relacionado com a diferença, com o vínculo daquilo que não é, sempre referente ao outro “sou o que o outro não é” (HALL, 2005, p.12 apud MOURA; PEIXOTO, 2007).

Fala-se de identidade, portanto, enquanto uma totalidade em constante transformação, a construção permanente do ser no decorrer da vida do sujeito (BAPTISTA, 2007). Nessa construção, a relação de objetividade-subjetividade, propõe-se a compreensão de um processo de mediação ao qual existe um intermédio do outro. O que significa dizer que é pela atividade externa que sucedem possibilidades de reconstrução da atividade interna. O indivíduo é um ser ativo e sua identidade não firma uma transferência do social, mas sim, um manejo de apropriação que envolva essa atividade do sujeito (AGUIAR, 2000).

A complexidade do processo de colocação a uma identidade no meio social, se anuncia quando um indivíduo se declara em um discurso. O movimento de explicar e definir “o que se é”, abre espaço para uma disputa para com diferentes identidades e alteridades, que rodeiam a subjetividade de quem se apresenta (BENTO, 2008). “Este é o mecanismo mediante o qual os sujeitos incorporam aspectos e os transformam, total ou parcialmente, enquanto elementos construtivos de suas identidades” (BENTO, 2008 p. 69.) Ainda para a mesma autora, a transexualidade é uma construção identitária que se encontra no campo do gênero que configuram respostas aos conflitos motivados por um sistema dicotomizado e naturalizado para os gêneros.

2.3 O corpo enquanto arena de significados

Neste tópico, abordaremos sobre corpo enquanto arena de significados, no processo de reconhecimento e compreensão de si. Para Cassana (2016), o corpo da pessoa transexual é simbolicamente atravessado por apagamentos e evidências. Onde se apagam ou se evidenciam marcas que entregam um rosto que já foi coberto por uma barba, ou uma cicatriz de um peito que já carregou um seio, os órgãos genitais, que transgridem e perpassam um processo de subjetivação em corpos que não reconhecem um espaço no panorama binarista.

2.3.1 Ambiguidade e ambivalência do corpo

O corpo transexual se constitui enquanto um corpo que a todo momento remete a memória de estar além do estabilizado, porque para além das transformações, as cicatrizes se fazem presentes. Essas marcas rememoram quem um dia se foi, ainda que o atual esteja transformado, essa memória traz como representação, a ambivalência do corpo que já foi, com o que se é, em uma incompreensão dos gêneros determinados socialmente e na linguagem e expressões ao qual se deve referir-se a estas pessoas (CASSANA, 2016).

Nessa perspectiva, entende-se que o corpo trans, assume um papel de resistência diante do linear imposto no discurso predominante que sustenta a ordem binarista médico-científico e sociocultural da coerência do sexo biológico. A pessoa trans apropria-se de um corpo em transição de um gênero para outro, muito além de uma exclusão (não é mulher/não é homem) (CASSANA, 2016).

Nessa transição, que foge à organização estabilizada da norma, da rigidez da estrutura, configura-se um corpo ambivalente, (in)capaz de ser significado como legítimo em nossa formação social, configurando-se como um corpo (im)possível, cujos sentidos significam justamente no entre-lugar do discurso (CASSANA, 2016, p. 13).

Para autora, a “vida real” vêm desse discurso médico/científico associado ao sexo e que partindo dessa compreensão, a pessoa trans, se torna implícita em sua vivência atual, vivendo uma vida ilusória, falsa, em busca desse sexo real (CASSANA, 2016). Ela entende que o discurso no processo de identificação de não se encaixar com o próprio corpo é provocada pela desarmonia da memória do que é e a vontade de ser e que isso se perpetua pelo sustendo da história e da atualidade. (CASSANA, 2016).

Por ser um corpo que subverte a lógica binária, entra em confronto com as (im)possibilidades do gênero. Embora precisem se identificar com conceitos pré-estabelecidos, encontram-se em posições de revolucionar às amarras do pré-conceito naturalizado (CASSANA, 2016). Com isso, a autora pensa em um discurso ambivalente para construir uma forma nova de subjetivação, onde não há motivos para pensar em fronteiras para que eles existam pela transitoriedade. Essa desconstrução das fronteiras dos corpos que não podem ser considerados a partir dessas fronteiras, também refletem no discurso que se compreende a interpretação de corpos masculinos passíveis de se feminizar e femininos passíveis de se masculinizar.

2.3.2 Reconhecimento, aceitação e rejeição

Para Taylor (1993), o falso reconhecimento ou o não reconhecimento do corpo pode ocasionar danos em forma de opressão as vítimas, visto que é projetada nos indivíduos, uma figura distorcida, imoral e humilhante. Taylor afirma que:

A tese consiste no fato da nossa identidade ser formada, em parte, pela existência ou inexistência de reconhecimento, e muitas vezes, pelo reconhecimento incorreto do outro, podendo uma pessoa ou grupo de pessoas serem prejudicados, sendo alvo de uma verdadeira distorção [...] O não reconhecimento ou reconhecimento incorreto pode afetar negativamente, como forma de agressão, reduzindo à pessoa a uma imagem limitativa de inferioridade ou desprezo, falsa e distorcida (TAYLOR, 1993 p. 45).

O que se pode compreender, é que o indivíduo enquanto pessoa trans no seu convívio de uma comunidade, pode ser vista e julgada de maneira depreciativa, partindo do pressuposto do enraizamento da construção da lógica natural do homem enquanto ser masculino e mulher enquanto ser feminino e no processo de reconhecimento de identidade, esse contexto pode ser prejudicial.

A autora, filósofa e teórica feminista Judith Butler (2003), entende a diferença do sexo/gênero e categoria sexual como algo que pressupõe a generalização do corpo, com uma preexistência da aquisição de um significado sexuado. Corpo, assemelha-se a um modelo passivo das significâncias construídas em uma fonte cultural configurada como externa para com ele.

E em uma compreensão de corpo visto pelo olhar externo, Cassana (2016) menciona o discurso que se refere aos corpos a partir de uma construção relacionada aos estereótipos e padrões de normalidade da ciência e medicina que passam a compor a própria história dos corpos e dos sujeitos. Sendo desviantes, em uma

perspectiva de corpos trans, fogem do padrão normatizador instaurado e são estigmatizados como monstruosos ou bizarros, anulando a subjetividade em torno dessa construção. “É alvo dos mecanismos de poder e do discurso do outro, mas que precisa do discurso do outro para também poder dizer-se” (CASSANA, 2016, p. 90).

“Não basta, portanto, que um sujeito diga ‘eu sou transexual’ ou ‘me sinto mulher em um corpo de homem’, por exemplo. Essas construções pertencem ao estranho da língua e da nossa formação social” (CASSANA, 2016, p. 17). O discurso médico/científico ocasiona um sentimento de legitimidade para com os corpos desviantes, que ocupam um lugar de negação ou conserto para atender esses padrões, sustentando um discurso de rejeição pelo saber científico e de autoridade a adequação do modelo binário (CASSANA, 2016).

E nesse lugar de rejeição, Matheusa Passareli ³ expõe através de um poema, um recorte do sentimento diante disso:

ser corpo estranho é ser cidadão. na sociedade normativa acadêmica branca colonizada cisgênero heterossexual consumista. ser corpo estranho é ter tomado consciência da importância de existir, quando desde criança viver no mundo era seguir padrões em detrimento de sua própria natureza. detrimento do bem estar de ser quem quiser. da liberdade de poder habitar. eu habito o meu corpo para buscar habitar corpos e espaços nunca conhecidos. utilizo de poesia como forma de sobrevivência sobre a pulsão de ser verdadeiro e estar o tempo inteiro se afirmando. ser só se tornou possível através do contato com corpos estranhos, corpos que habitam suas próprias subjetividades e vivem também na cidade. corpos estranhos em contato provocam descobrimentos e proporcionam o entendimento de outras realidades, o estranhamento não deve ser motivo para tornar negativo os julgamentos. o estranhamento precisa ser entendido como o contato com o outro. o diferente. diferente em corpo que se fez em trajetórias individuais. indivíduos. vivendo em solos de controle e manipulação, sendo colocados como sociedade e por isso obrigados ao contato. corpos se tornam obrigados a servir a moeda. a utilizar da prata para atingir ao progresso, que mais uma vez vai em detrimento dos recursos naturais e livres. nome, coisa, animal, objeto (adeda) órgãos de um sistema em funcionamento pleno massacreh permanente. (SX POLITICS, 2018).

2.4 Dialogo entre a Gestalt- terapia e o processo de construção da identidade trans

Para trazer a aproximação que permeia ambos os temas de gênero e Gestalt-terapia, o presente tópico abordará um breve histórico acerca da Gestalt-terapia, ao

³ Matheusa Passareli era negra, periférica e não- binária. Estudante de Artes Visuais na Uerj. Matheusa foi morta por traficantes e em relatos e depoimentos afirmam que ela foi interrogada e julgada pelos traficantes antes de ser assassinada. A estudante teve seu corpo esquartejado e queimado em um tonel no alto da favela. Sic. Em site de notícias do G1. < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/a-gente-nao-pode-naturalizar-o-sofrimento-diz-irma-de-matheusa-passareli-trans-morta-no-rio.ghhtml> >

qual visa entender de que forma a abordagem pode estar a benefício do melhor atendimento psicológico no que se refere a pessoas trans, viabilizando e facilitando o processo de aceitação, de integrar-se existencialmente e incluir-se de maneira saudável na sociedade. Para esse fim, é importante destacar da teoria e da prática pontos relevantes no atendimento a esse público.

2.4.1 História e Conceitos da Gestalt-terapia

No que se refere a Gestalt-terapia nos dias de hoje, não se pode ignorar a forma como ela se constituiu até aqui. O nome Gestalt-terapia, significa em alemão: forma, estrutura e configuração e teve a princípios críticas de Laura Perls, por recear a confusão entre Gestalt- terapia e Psicologia da Gestalt, pois a Psicologia da Gestalt teve uma grande influência teórica na Gestalt- terapia, afirmando a perspectiva de se organizar espontaneamente, sob formas estruturadas de significantes, boas formas e gestalten (SOUZA, 2016). Yontef (1998), entende a Gestalt-terapia como a abordagem que ensina terapeutas e pacientes o método fenomenológico da awareness, onde perceber, sentir e atuar são lidos de formas diferentes de modificar e interpretar atitudes preexistentes.

A Gestalt-terapia tem em seu campo conceitos básicos que são utilizados na teoria e prática da atuação em sua totalidade, para o presente trabalho, serão percorridos alguns recortes desses conceitos, ao qual contribuem na compreensão da construção da identidade trans, reforçando então o enfoque da pesquisa na específica abordagem. Para o presente trabalho, serão relevantes apenas alguns recortes desses conceitos, ao qual são passíveis de associação na contribuição da construção da identidade trans, reforçando então o enfoque da pesquisa na específica abordagem.

A autorregulação organísmica, segundo os estudos de Yontef (1998, p. 30) é baseada num reconhecimento acurado e relativamente completo daquilo que é. Nesse conceito, a escolha e aprendizado ocorrem de maneira holística, através de uma integração natural do corpo e da mente, do pensamento e do sentimento, da espontaneidade e deliberação. Ela exige que o habitual venha a ser inteiramente perceptível quando necessário (YONTEF, 1998).

O self definido por Perls, Herfferline e Godman (1997, p. 49) “o sistema de contatos em qualquer momento”. Ele é flexível e variado, pois varia de acordo com as

necessidades orgânicas dominantes e com estímulos pertinentes do ambiente. Robine (2006, apud 2016) ressignifica o self como uma função do campo, um sistema de contato a todo instante.

A awareness é caracterizada pelo contato, pelo sentir, pelo excitação e por formação de gestalten (PERLS, HERFFERLINE, GODMAN, 1997). É um instrumento essencial na Gestalt- terapia, nessa temática:

Uma awareness significativa é a do self no mundo, em diálogo com o mundo e com a awareness do outro - não é uma introspecção com o foco no interior. A awareness é acompanhada por aceitação, isto é, o processo de conhecimento do controle, escolha e responsabilidade dos próprios sentimentos e comportamentos. Sem isso, a pessoa pode estar atenta à experiência e ao espaço vital, mas não para o poder que ela tem ou não tem (YONTEF, 1998, p. 31).

Quando se trata de pessoas trans, fala-se de uma vivência permeada de adequações ao meio e desadequações a si próprio, a significância que esse contexto traz na construção da identidade, considerando a visão gestáltica, é possível compreender através a citação trazida o quão pertinente esse meio pode ser.

2.4.2 Um recorte de compreensão da Gestalt-terapia acerca do fenômeno da transexualidade

Souza (2016), traz a importância de abordar conceitos como unificação e integração da personalidade no trabalho com pessoas trans. O desencontro da identidade de gênero com o sexo biológico pode refletir em muitos aspectos e propiciar rupturas entre como a pessoa trans se sente, como pensa sobre si e o que é se esperado socialmente dela. O agir e o sentir caminham em direções divergentes.

Ainda para mesma autora, a terapia pode vir a ser uma oportunidade e convite a integração, com todo o sofrimento que essa integração pode acarretar. Afinal, ninguém se bloqueia, se inibe e desintegra sem motivos (SOUZA, 2016, p. 11). E o terapeuta, partindo dos pressupostos da Gestalt-terapia precisa manejar o trabalho terapêutico a partir da autorregulação orgânica do sujeito para que se torne possível a integração no seu tempo, sem anular as relações familiares, o meio e a sociedade (SOUZA, 2016).

Souza (2016), explica como a Gestalt-terapia se debruça ao paciente trans, acerca do conceito trazido por Yontef (1998) pelo seguinte argumento:

No caso particular, das polaridades masculino-feminino, na vida de pessoas trans, talvez caiba ao gestalt-terapeuta apontar as possibilidades de se manter em um lugar de trânsito, onde o ser masculino ou feminino perde o

sentido diante do ser humano (para além do binarismo sexual). Temos aqui a oportunidade de trabalhar a experiência única do cliente, a forma única como aquele indivíduo vem se autoregulando em relação a seu gênero, a sua sexualidade e a todo resto de suas relações com o campo.

Perls, Hefferline e Goodman (1997, p. 49), chamam de self, “o sistema de contatos em qualquer momento”. Ele é flexível e variado, pois varia de acordo com as necessidades orgânicas dominantes e com estímulos pertinentes do ambiente. É também a fronteira de contato em funcionamento e sua tarefa é formar figuras e fundos. Então “uma pessoa que se auto-regula organismicamente assume a responsabilidade do que está acontecendo com o self e o que está sendo feito pelos outros para o self” (YONTEF, 1998, p. 36). A mudança forçada acontece em uma tentativa de materializar uma imagem, em vez de materializar o self. “Com awareness, a auto-aceitação e o direito de existir como é, o organismo pode crescer. A intervenção forçada retarda esse processo” (YONTEF, 1998, p. 34).

Souza (2016), quando relaciona o self a um conceito de “si mesmo” produzido no contato, supõe que na transexualidade acontece uma produção de verdadeiros e falsos selfs a partir do que é imposto pelo campo. Nessa perspectiva, a autora acredita que na existência de uma pessoa trans, acontece uma adaptação a expectativa social ao qual o sujeito vive juntamente a uma figura do seu sexo biológico ou tenha uma performance de gênero semelhante a sua, isso significa que o sujeito pode estar sustentando um falso self e conseqüentemente afastando-se do seu self, procurando uma autorregulação focada na aceitação social e não em si (SOUZA, 2016).

A autora compreende que:

[...] o self verdadeiro se dá no contato que podem fazer com o campo em sua performance de gênero mais confortável. Então o verdadeiro self de uma mulher trans se dá quando ela pode estar no campo como mulher e ser reconhecida por ele como mulher (SOUZA, 2016, p. 14).

Então, se perceber nesse campo de reconhecimento coerente a forma que se sente e se identifica, é pensar na perspectiva gestáltica no conceito da awareness, que para Yontef (1998, p. 30) “é uma forma de experiência que pode ser definida aproximadamente como estar em contato com a própria existência, com aquilo que é”. É também “acompanhada por aceitação, isto é, o processo de conhecimento do controle, escolha e responsabilidade dos próprios sentimentos e comportamentos” (YONTEF, 1998, p. 31)

Souza (2016) é bem coerente quando diz que as pessoas trans permeiam a falta de aceitação e confirmação genuína em suas vidas e que para que seja possível se chegar ao processo de awareness, essas pessoas precisarão romper com as expectativas que socialmente se é esperada para com elas. A autora entende que o terapeuta caminhando junto ao cliente no movimento de “suportar a realidade do seu próprio ser no mundo, estará abrindo um caminho de awareness que pode e deve transbordar no espaço terapêutico” (SOUZA, 2016, p. 18) trazendo para esse cliente as possibilidades de rever suas introjeções autossabotadoras, aceitar-se e transcender a si mesmo com sua real natureza (SOUZA, 2016).

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente trabalho se refere a uma pesquisa de caráter qualitativo, caracterizada por uma sequência de atividades que envolve a redução dos dados, a categorização, interpretação e redação de relatório (GIL, 2002 p. 133). Trata-se de uma pesquisa descritiva, que segundo Gil (2002), possui a finalidade de descrever características de grupos, fenômenos ou relações variáveis que foram estabelecidas por meio de estudos em técnicas e coleta de dados, pois apresenta o processo de construção da identidade trans, sob a ótica dos pressupostos da Gestalt-terapia. Para isto, realizou-se uma revisão bibliográfica acerca da temática abordada, que Boccato (2006, p. 266) define por:

Uma busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Portanto, o levantamento de fontes bibliográficas foi realizado em livros e artigos científicos, encontrados na seguinte base de dados eletrônicos: Scientific Electronic Library (SciELO) Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Psi), Biblioteca digital Centro Latino-Americano em Sexualidade (CLAM), Google Acadêmico e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) com base nos descritores: Transexualidade, Gestalt-terapia, construção de identidade e corpo.

Nessa busca, foram realizadas as leituras de 57 artigos, 6 livros, sendo utilizados 14 artigos e 5 livros para a construção de todo o trabalho. Na tentativa de responder a pergunta de pesquisa, foram selecionadas leituras com referência em identidade, corpo e transexualidade, como também leituras de conteúdo gestáltico em suas associações, datados de 1987 a 2019, em língua portuguesa.

Os critérios de avaliação dos materiais foram distintos, dessa forma, os artigos foram descartados a partir da leitura do referencial teórico e/ou resumo quando não relevantes para o estudo em questão, possuindo um distanciamento do que fora buscado. Para os livros, foi realizada a leitura da sinopse e os capítulos a serem utilizados e os artigos não referentes a Gestalt-terapia ou psicologia, foram descartados com base na leitura dos trechos possíveis de uso. Toda essa separação e organização, para o filtro 19 artigos e livros, só foi possível, devido a escolha realizada apenas para os conteúdos que se mostraram relevantes e que somassem ricamente no conteúdo desenvolvido.

4 RESULTADOS

O conteúdo abaixo, trata-se de materiais retirados de artigos e livros, que se mostraram mais pertinentes para a construção das discussões.

Quadro 1

Autor/Ano	Título	Objetivos	Resultados	Considerações finais
TAYLOR, 1993.	Multiculturalismo.	Debruçar-se sobre o desafio do multiculturalismo e a política de reconhecimento, tal qual se manifesta social e democraticamente ao público de diversas identidades.	O autor discorre sobre o multiculturalismo no reconhecimento de identidades, evidenciando a importância do reconhecimento de si e que isso acontece pela existência ou inexistência de reconhecimento	Conclui-se que há uma necessidade de reconhecimento partindo de alguns aspectos da política atual, que inclui grupos vistos de maneira depreciativa e ressalta a importância do devido reconhecimento

			o, as vezes incorreto, do outro.	nto igualitário e respeito.
PERLS; HEFFERLI NE; GOODMAN , 1998.	Gestalt- terapia	Apresentar a estrutura de crescimento no desenvolvimento psíquico.	O capítulo em questão, aborda os conceitos de fronteira de contato, interação do organismo e ambiente, contato e self, entre explicações e comparações de como esse sistema psíquico acontece.	Compreende-se como é definida e abordada os conceitos básicos da Gestalt-terapia, em como a abordagem trabalha no presente, o que é sentido, como é observado.
YONTEF, 1998.	Processo, diálogo e awareness.	Tem como objetivo aprofundar e equacionar questões relevantes para uma melhor compreensão da teoria e da prática da Gestalt-terapia.	O capítulo do livro aborda uma visão geral sobre a origem da gestalt-terapia, trazendo uma descrição de conceitos como self, awareness e autorregulação orgânica, de como a abordagem é trabalhada.	Compreende-se como é definida e abordada os conceitos básicos da Gestalt-terapia, em como a abordagem trabalha no presente, o que é sentido, como é observado. Além de trazer uma revisão geral de sua história.
BENTO, 2008.	O QUE É TRANSEXUALIDADE In: Transexualidade e as armadilhas dos gêneros.	Fornecer reflexões que possibilitem problematizar os limites das instituições sociais ao lidar	O capítulo do livro aborda sobre a experiência de trânsito entre gêneros, numa crítica voltada	O que é posto é uma disputa aos valores hegemônicos que localizam e conferem direitos

		com estas demandas e necessidades de se repensar os critérios da normalidade e anormalidade que estão postos em cena todas as vezes que vivem o gênero para além da diferença sexual.	para os saberes da medicina, que questiona o “ser mulher/homem de verdade”. Além de explicar a transexualidade e, a travestilidade e transgêneros como expressões identitárias que rompem as barreiras do binarismo.	apenas a uma parcela da humanidade. mostra precariedade no sistema de gênero e sexualidade assentados no império do biológico e nas genitalização das relações sociais.
JESUS, 2010.	Transexualidade: breve histórico.	Discutir de maneira humanista os questionamentos acerca da transexualidade.	A autora traz o conceito de transexualidade e, ressaltando que não há vínculo algum com o que se refere a doença/transtorno mental e dissocia a mesma de grupos como gays, lésbicas e drag queens.	Compreende-se que a transexualidade é uma questão de identidade, mas em meio a sociedade e seus paradigmas, é vista de maneira adocida e repreendida.
FARIA; SOUZA, 2011.	Sobre conceitos de identidade: apropriações em estudos sobre a formação de professores.	Investigar a constituição identitária de professores e as representações que os profissionais tem de si como docentes.	A autora relata como a sociologia e psicologia oferecem subsídios para a compreensão do fenômeno da constituição identitária do professor e de que forma essa	Entende-se que o desenvolvimento do conceito de identidade permanece sendo um desafio, mas os aspectos apresentados pelas diferentes áreas

			apropriação acontece nas pesquisas.	apontam um investimento em estudos.
CASSANA, 2016.	CORPOS IMPOSSÍVEIS: A (DES)ORDEM DO CORPO E A AMBIVALÊNCIA DA LÍNGUA NO DISCURSO TRANSEXUAL.	Analisar teoricamente a relação entre a língua e corpo para a constituição de um discurso (im)possível.	A autora traz a significância do corpo no processo de transição e o atravessamento deste, no discurso médico-científico, além da importância desse corpo ser legitimado.	Compreende-se que a constituição de um corpo não corresponde aos sentidos estabilizados pelos significantes de “homem” e “mulher” e essa não binaridade do corpo trans escapa desse discurso dominante médico-científico.
SOUZA, 2017.	O olhar da Gestalt-terapia sobre a transexualidade.	Fazer um apanhado histórico sobre identidade de gênero e experiência da transexualidade e pensar como a abordagem gestáltica pode dar conta das demandas, mas específicas e complexas das pessoas trans.	Descreve sobre temáticas de gênero sexualidade e como acontece a patologização desse público, adentrando na clínica psicológica para o público trans em um respaldo gestáltico.	Destaca-se a importância da preparação do profissional frente a demanda crescente da diversidade sexual, mas para além disso, a importância de não reduzir o sujeito a isso e sim olhado como um todo.

5 DISCUSSÃO

Para se compreender a construção da identidade trans, ainda que pelos pressupostos da Gestalt-terapia, entende-se que é importante caminhar pela compreensão dessa construção em um todo.

Partindo do entendimento sobre construção da identidade, Budar (1997 apud Faria; Souza, 2011) afirma que ela “nunca é dada, é sempre construída e (re)construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável”. A transexualidade é a forma que a pessoa lida com o desacordo do sexo biológico e do sexo psicológico. É uma construção identitária que se encontra no campo do gênero e configura respostas conflituosas a um sistema dicotomizado e naturalizado por gêneros binários (BENTO, 2008). A identidade se entende como algo fluido e mutável para todo e qualquer indivíduo, não sendo diferente para as pessoas trans, contudo entende-se que o processo acontece de maneira diferente, quando se fala do não reconhecimento de si pela não correspondência de corpo, mente e identidade, o que as fazem se reconstituir sobre algo que já fora construído.

Budar (1997 apud Faria; Souza, 2011) teoriza a identidade por atribuições, onde segundo ele, o sujeito identifica as atribuições recebidas do outro para si, em que acontece um movimento de discordância entre o que esse outro almeja que esse sujeito assuma e o desejo do próprio sujeito de ser. Quando se fala de pessoas transexuais, existe uma complexidade do processo de colocação a uma identidade no meio social, que se anuncia quando um indivíduo se declara em um discurso. O movimento de explicar e definir “o que se é”, abre espaço para uma disputa para com diferentes identidades e alteridades, que rodeiam a subjetividade de quem se apresenta (BENTO, 2008).

Interpreta-se que a inserção das identidades trans, para além do conflito com o meio social, acontece por consequente, um conflito interno entre a maneira que o sujeito se entende e a forma que se apresenta, sendo lido de maneira contraditória e distorcida ao que se deseja. O que significa dizer que introdução ao meio, banaliza e invalida a identidade que esse sujeito trans busca se apresentar, o que torna ainda mais difícil o processo de se construir. Entende-se que essa construção percorre por caminhos difíceis frente a uma sociedade que define as pessoas a partir do sexo biológico, onde reflete em uma luta árdua por respeito e visibilidade.

A Gestalt nomeia de introjeção todo “material externo absorvido sem discriminação ou assimilação [...] Valores e comportamentos introjetados são impostos ao self” (YONTEF, 1998, p. 29). Interpreta-se também que essa resposta do

meio ao indivíduo trans, influencia fortemente em seu processo psíquico de autoconstrução, somando negativamente essa (re)construção de si. O campo age internamente e externamente, atuando de forma fluida e unificada acerca do que o sujeito pensa, sente e no que acontece no ambiente, do mesmo modo, compreende-se que a pessoa trans vive em uma situação vulnerável, por estar a todo momento se expondo a questionamentos do outro diante das suas relações sociais, onde é pré-julgado, tendo que se reafirmar não apenas para si, mas também para sociedade.

Para as pessoas transexuais, integrar corpo, aceitação social, profissão e o nome ao qual se identifica é imprescindível (JESUS, 2010). Percebe-se a importância dessa integração, quando Perls, Herfferline e Goodman (1997) se referem ao self como um ajustamento do campo, que remete a sua função de encontrar sentido as coisas vividas por cada indivíduo. Visto que, por mais que tenham existido mudanças, ainda assim há muita intolerância e preconceito na sociedade e com isso, nota-se que o olhar e julgamento do outro também é introjetado a um nível que o sujeito trans deposite em si a perspectiva do outro, distanciando-se do self e se desregule organismicamente. Dessa maneira, é importante que essa integração aconteça de maneira saudável e harmônica, para que ele se construa à medida que se integre enquanto indivíduo trans.

No que se refere ao corpo enquanto arena de significados, Cassana (2016) o descreve como um corpo que a todo momento se remete a memória de estar além do estabilizado, pois carrega marcas e cicatrizes que desperta a lembrança de quem já se foi e de quem se é. Nesse contexto, Taylor (1993) aborda estudos sobre a política de reconhecimento, ao qual afirma que a identidade parte também da existência ou inexistência de reconhecimento e o falso ou não reconhecimento do corpo, pode ocasionar danos em forma de opressão as vítimas, visto que é projetada nos indivíduos, uma figura distorcida, imoral e humilhante. Compreende-se então, que o inserir-se e apresentar-se enquanto pessoa trans no meio social, reflete em um conflito com o sistema binário. Visto que esse não reconhecimento resulta em opressões e projeções negativas no meio, supõe-se o quão prejudicial pode vir a ser o autorreconhecimento e a aceitação de si. O ser trans, carrega traços que a todo momento rememoram uma identidade a qual não o/a pertence, que são reforçados nesse meio social, logo, convivem com a demanda de se reafirmar para o outro e também para si.

Souza (2016) reforça a que o desencontro da identidade de gênero com o sexo biológico pode refletir em rupturas entre como a pessoa trans se sente, como pensa sobre si e o que se é esperado socialmente dela. O agir e o sentir caminharam em direções divergentes. Visto que a Gestalt-terapia é uma terapia holística (YONTEF, 1998), compreende-se que corpo e mente caminham em conjunto. Ao se pensar nesse desencontro, deduz-se mais uma vez a prejudicialidade que isso pode trazer.

Referindo-se ao funcionamento psíquico, a Gestalt-terapia em seu conceito de autorregulação organísmica, se baseia em um reconhecimento acurado e relativamente completo do que se é (YONTEF, 1998 p. 30). De acordo com essa perspectiva, a pessoa trans em uma busca da terapia, ao entrar em contato um processo do manejo gestáltico, percorre pelo caminho do cuidado e construção da integração do corpo-mente e do pensamento-sentimento.

Para além da autorregulação organísmica, o self sendo “o sistema de contatos em qualquer momento” (Perls, Herfferline e Godman (1997, p. 49), ou seja, se regula a forma que o organismo age e acontece, assim, entende-se que organizar-se psiquicamente em seu ser e existir, distanciando-se das amarras dos padrões e julgamentos sociais, pode se pressupor que aconteça o reconhecimento do self enquanto identidade, ainda que incoerente ao corpo que pertence.

A Gestalt-terapia, centra-se no processo de awareness, que se caracteriza pelo sentir, pelo excitação e por formação de gestalten (PERLS, HERFFERLINE, GODMAN, 1997). Nessa temática:

Uma awareness significativa é a do self no mundo, em diálogo com o mundo e com a awareness do outro - não é uma introspecção com o foco no interior. A awareness é acompanhada por aceitação, isto é, o processo de conhecimento do controle, escolha e responsabilidade dos próprios sentimentos e comportamentos. Sem isso, a pessoa pode estar atenta à experiência e ao espaço vital, mas não para o poder que ela tem ou não tem (YONTEF, 1998, p. 31).

Sendo assim, pode se compreender que a pessoa ao chegar no processo de awareness, chega a um nível de consciência e compreensão coerente e congruente, que envolve a vivência saudável consigo mesmo, se dissociando da projeção externa, além de se perceber, se reconhecer, se respeitar, aceitando integralmente a sua identidade.

O ser trans, reflete em desencontros e encontros de si. O falso reconhecimento do self distancia o sujeito trans da autorregulação organísmica, o que resulta em uma

aproximação da aceitação do que outro projeta nele e não o que ele compreende de si.

Por fim, o que se percebe pela ótica da Gestalt-terapia é o manejo de apresentar as possibilidades de transitar entre as ressignificações do existir enquanto homem ou mulher e experienciar a unanimidade do ser desse paciente/cliente. Contribuir na desconstrução do self introjetado, do falso self, que possibilite o sujeito de se autorregular organicamente, quebrando os paradigmas do modelo perfeito e ideal das aparências cisgêneras, abrindo espaço para o acolhimento das entrelinhas da transição, sendo importante por parte do terapeuta a validação e legitimação do ser que se apresenta no processo, permitindo que esse sujeito chegue a um processo de awareness, ao qual conceda a confirmação e aceitação genuína de si.

Dito isso, retomando a Gestalt-terapia, sendo ela uma terapia holística, surge como um convite a integração, que se faz importante olhar com atenção a união da mente, do corpo e do ambiente, validando este processo como essencial no manejo terapêutico, pois pressupõe-se que um sujeito integrado tenha estrutura para estar saudável consigo e com o meio.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos apresentados neste documento, foi observado que a construção da identidade trans pode vir a acontecer de maneira desintegrada, em que o sujeito sofre com as implicações do meio e de si. Pensando nisso, harmonizar a Gestalt-terapia em seus conceitos, mostrou que um falso self pode acarretar uma desregulação orgânica e um afastamento da awareness. O manejo desse contato terapêutico parte do acolhimento, visando o desenvolvimento do bem estar harmonioso, trabalhando na ampliação da awareness, que possibilite ao sujeito ter uma relação saudável consigo, com o mundo e com o outro.

A transexualidade atualmente percorre um caminho de luta árdua por respeito e aceitação, visto que não é mais entendida como doença e sim por um desencontro do gênero biológico e gênero psicológico. A identidade não é definida, é construída e parte deste processo envolve o biológico, psicológico e social. Ao falar dessa construção por parte das pessoas trans, compreendeu-se que a reafirmação dessa identidade no meio por vezes acontece de maneira distorcida, além do desencontro com o padrão binário, que gera uma "confusão mental". Partindo da ótica da Gestalt-terapia, a pessoa trans vivencia um processo de adaptação para a expectativa social

buscando a aparência esperada e se constrói em um falso self. O que remete a um manejo que o aproxime dessa possibilidade de transitar entre os gêneros, aceitando sua autenticidade.

Dessa forma, tentou-se através desse artigo elucidar mais sobre a pessoa trans e todos os paradigmas que surgem desde o momento que o sujeito se percebe nesse desencontro psicológico e biológico até a sua transição e inserção no meio social. Ainda é necessário dar visibilidade a essas existências, visto que ainda assim há pouco reconhecimento, respeito e compreensão. E pensando nisso, refletir acerca das possibilidades que a psicologia nos apresenta, que possam vir a contribuir em uma construção saudável.

Mediante o exposto, ressalta-se que o presente trabalho não se encerra ao final dessas considerações, o que concede espaços para a continuidade de estudos e desenvolvimento de futuras pesquisas que possibilite o acréscimo de conteúdo do tema abordado. Bem como, é necessário afirmar o quão importante e fundamental é o conteúdo exposto, que para além de tudo reforça que a transexualidade não é só um tema, mas uma realidade, que luta diariamente por espaço e respeito e finaliza-se com a tentativa de despertar no leitor reflexões importantes acerca do que foi discernido.

7 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, W. M. J. **REFLEXÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA SOBRE A CATEGORIA “CONSCIÊNCIA”**. In: Cadernos de Pesquisa, nº 110, p. 125-142, julho, 2000. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a05.pdf>> Acesso em: 18 de maio de 2021.

BAPTISTA, M. T. D. S. O Estudo de Identidades Individuais e Coletivas na Constituição da História da Psicologia. 2002 Memorandum, 2, 31-38. Disponível em <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos02/artigo04.pdf>> Acesso em: 18 de maio de 2021.

BENTO, B. **O QUE É TRANSEXUALIDADE**. São Paulo: Ed Brasiliense, 2008. Acesso em: 15 de mar de 2021.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265- 274, 2006.

BUTLER, J. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Disponível em <<https://joacamilopenna.files.wordpress.com/2017/08/butler-problemas-do-gecc82nero.pdf>> Acesso em 17 de maio de 2021.

CANNONE, L.A.R. **Historicizando a Transexualidade em direção a uma Psicologia Comprometida**. Psicologia: Ciência e Profissão. 39(n.spe 3), 21-34, 2019. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/MgsxScRgNWtdkrmkptwDwBC/?lang=pt>> Acesso em 14 de maio de 2021.

CASSANA, M. F. **C ORPOS IMPOSSÍVEIS: A (DES)ORDEM DO CORPO E A AMBIVALÊNCIA DA LÍNGUA NO DISCURSO TRANSEXUAL**. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós graduação em letras, Porto Alegre, BR- RS, 2016. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143139/000995973.pdf?sequence=1>> Acesso em 28 de maio de 2021.

CIAMPA, A. C. A estória do Severino e a história de Severina. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FARIA, E.; SOUZA, V. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre a formação de professores. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 15, Número 1, Janeiro/Junho de 2011: 35-42. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pee/a/DTxHk78xxwXWq6gcH7RKjQG/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 13 de abr de 2021.

FELIX, A. M. A PSICOLOGIA FRENTE AS QUESTÕES DA TRANSEXUALIDADE. 2016. 10f. TCC (Graduação)- Curso de Psicologia. Universidade Estácio de Sá, Rio

de Janeiro, 2019. Disponível em < <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0459.pdf>> Acesso em 12 de abr de 2021.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em < http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf> Acesso em 11 de set de 2021.

JESUS, J. **Transexualidade**: breve introdução. Universidade Livre Feminista, 2010. Disponível em < <https://feminismo.org.br/transexualidade-breve-introducao/17197/>> Acesso em 09 de abr de 2021.

JESUS, J. **ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS**, 2012. Escritório de Direitos da Fundação Biblioteca Nacional. Brasília, 42 p. 2012. Disponível em < <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>> Acesso em 09 de abr de 2021.

Lanz, L. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero, 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. – Curitiba, p. 342. 2014. Disponível em < <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36800/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20LANZ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acessado em 09 de abr de 2021.

MOURA, A. F.; PEIXOTO, L. S. C. **IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA: ESTUDO DA COMUNIDADE PATAXÓ DA ALDEIA PÉ DO MONTE**, Orientadora: Elizabete Silva. 2007. 42 f. TCC (GRADUAÇÃO)- Curso de Psicologia, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Bahia. 2008. Disponível em <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/AndraaCunha_eLucianaSantana.pdf> Acesso em: 18 de maio de 2021.

OLIVEIRA, V. E. S. **Terapia Hormonal para Mulheres Trans e Travestis**: Uma Revisão Bibliográfica. 2019. 44 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas/Bacharelado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Acesso em: 10 de abr de 2021.

PERLS, F, HEFFERLINE, R, GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

SOUZA, D. C. **O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA SOBRE A TRANSEXUALIDADE**. 2017. 28. Pós- Graduação em Gestalt- terapia, Rio de Janeiro, 2017. Acesso em: 08 de abr de 2021.

TAYLOR, C. Multiculturalismo. Tradução de Marta machado. Instituto Piaget: Editora, 1994. Acesso em 26 de maio de 2021.

VAL, A.C., MELO, A.P.S., FULLANA, I.G., GIL, E.G. **Transtorno de identidade de gênero (TIG) e orientação sexual**. Brazilian Journal of Psychiatry, São Paulo, vol.

32, n 2, p. 192. Jun, 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462010000200016>> Acesso em 15 de out de 2021.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo, awareness** / Gary M. Yontef; [tradução de Eli Stern]. - São Paulo: Summus, 1998. Disponível em <<http://www.adventista.edu.br/source2019/psicologia/Processo-dialogo-e-awareness-completo-.pdf>> Acesso em 14 de maio de 2021.